

O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR E SUAS COMPETÊNCIAS

artigo de revisão

*Christianne Martins Farias**
*Miriam Vieira da Cunha***

RESUMO

A globalização influencia o mercado de trabalho, quebra os paradigmas em direção a uma sociedade marcada pelo conhecimento, pela criatividade, pela inovação e pela informação. Isto tem levado os profissionais de todas as áreas a refletir sobre suas atribuições, habilidades e responsabilidades. Neste contexto, surge a discussão sobre competência, no mundo do trabalho e na educação. Este artigo discute a importância das profissões na sociedade, a noção de competência. Reflete também sobre as dimensões políticas, éticas, técnicas e estéticas das competências do bibliotecário escolar.

* Universidade Federal de Santa Catarina Bibliotecária. Especialista em Gestão de Bibliotecas (UDESC). Mestranda de Ciência da Informação da UFSC. Email: chrismfarias@yahoo.com.br

** Universidade Federal de Santa Catarina Professora do Departamento de Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Email: mcunha@cin.ufsc.br

Palavras-chave: Competência profissional. Qualificação profissional. Bibliotecário escolar.

I INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir a importância das profissões na sociedade, buscando conceituar a competência e suas dimensões no âmbito da biblioteca escolar. Para isso, refletimos sobre alguns aspectos que interferem diretamente no cotidiano das atividades deste profissional na escola.

A educação é a base elementar dos direitos sociais, sendo obrigatória para todos em idade escolar. Para que a escola tenha o desenvolvimento desejado, se faz necessária, a utilização de recursos que facilitem a integração e dinamização do processo de ensino-aprendizagem.

Embora se pense que este processo se faz por meio de uma interação direta entre professor e aluno, pode haver mediação por meio de outros elementos. Neste contexto, destaca-se o bibliotecário escolar, que participa diretamente do processo de ensino-aprendizagem.

No nosso entender o bibliotecário escolar auxilia na formação do indivíduo, estimulando a comunicação, apoiando os docentes e lhes fornecendo informações para as aulas.

Deve trabalhar também com os pais e com a comunidade.

Nos dias atuais, as atividades dos bibliotecários escolares (como a grande maioria das profissões) sofrem influência das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) pautadas na velocidade de transmissão de dados e na sua facilidade de interação no ciclo da comunicação, o que provoca mudanças no cotidiano dos profissionais da informação.

Essas mudanças representam uma quebra de paradigma em direção a uma sociedade marcada pelo conhecimento, pela criatividade, pela inovação e pela informação. Paralelamente a essas mudanças, a globalização tem levado os profissionais de todas as áreas a refletir sobre suas atribuições, habilidades e responsabilidades.

Neste cenário surge a discussão sobre competência, ou seja, espera-se que o sujeito, dentro de seu campo profissional, trabalhe suas habilidades para enfrentar novas situações. Não basta que o indivíduo tenha uma formação acadêmica. O conhecimento, se usado inadequadamente, não tem nenhum significado para a vida pessoal e profissional. Este conhecimento não fornece ao profissional garantias de que será considerado "competente".

A formação acadêmica não é mais um pressuposto para o ingresso, permanência ou ascensão no emprego, dentro dos moldes atuais de empregabilidade do mundo no trabalho.

Diante deste contexto, em que a globalização influencia o mercado de trabalho, consideramos fundamental discutir as profissões na sociedade sob o ponto de vista da Sociologia das Profissões; a seguir trataremos das dimensões da competência profissional com foco nos seus aspectos políticos, éticos, técnicos e estéticos.

2 PROFISSÕES

Atualmente, a informação e o conhecimento se inserem na crescente interdependência dos sistemas econômicos e políticos. As TIC's têm possibilitado o desenvolvimento de várias formas de trabalho o que faz com que o campo das profissões seja repensado. Conforme Cunha (2006, p. 145):

A sociologia das profissões é um campo complexo e tem produzido várias teorias que tentam explicar o desenvolvimento das profissões e seu papel na sociedade. Do ponto de vista da sociologia das profissões, a profissão possui uma dimensão cognitiva, ligada a saberes específicos apenas acessíveis ao grupo profissional que os detém, devendo ser legitimadas pela sociedade.

Freidson (1998, p. 214), salienta que “antes de tudo, a profissão constitui um rótulo social”. Para este autor, “o termo profissão, se refere a um amplo estágio de ocupações prestigiosas e muito variadas, cujos membros tiveram uma educação superior e são identificados pelos saberes específicos acessíveis a seu grupo de educação”. Abbott (1988) estuda as profissões como um sistema, no qual nenhuma se desenvolve isoladamente, mas influencia e é influenciada pelas demais.

Considera-se que a sociedade não pode funcionar baseada no princípio de que todo mundo pode fazer qualquer coisa. Isto reforça a idéia que a base da eficiência está na especialização planejada de funções que atendam o bem estar comum, o que proporciona credibilidade aos serviços prestados. Diante disso, pode-se dizer que as profissões são ocupações organizadas por um determinado grupo que alega ter as competências necessárias para tal,

que cuida da qualidade de seu trabalho e de seus benefícios para a sociedade, obtendo desta forma, o direito exclusivo de realizar um determinado tipo de tarefa, de controlar o treinamento, o acesso, de determinar e avaliar a maneira como o seu trabalho é realizado. (FREIDSON, 1998).

De acordo com Diniz (2001, p. 165) “as profissões dispõem de mecanismos de socialização e controle extremamente eficazes na construção de identidades profissionais que transcendem as situações sociais particulares”.

Para esta autora, esse poder envolve dois tipos de controle, o cultural e o social. O controle cultural é exercido através do desempenho profissional e legitimado por um corpo de conhecimentos acadêmicos aceitos socialmente. O controle social é conquistado de três formas: por intermédio da opinião pública; do mercado de trabalho e, dos meios legais que impedem os profissionais não habilitados de exercer legalmente a profissão.

As profissões fundamentam-se em uma educação formal de nível superior, na dependência de um conhecimento e competência especializados, assim como na aplicação desse conhecimento à solução de problemas.

A capacitação formal, quanto à competência e ao conhecimento, está estreitamente vinculada ao profissionalismo sendo elemento fundamental para a sua constituição e “valiosa para a vida humana”. (FREIDSON, 1998, p.211).

3 COMPETÊNCIA E SUAS RELAÇÕES

Na sociologia das profissões percebemos que a noção de qualificação é muito importante para conceituar competência. Diante disso, tentaremos entender as relações entre as noções de qualificação e de competência. De acordo com Manfredi (1998) a qualificação está associada ao repertório teórico das ciências sociais, ao passo que a competência está historicamente ancorada nos conceitos de capacidades e habilidades, constructos herdados das ciências humanas.

Os pontos convergentes e divergentes entre as noções de qualificação e competência pressupõem um conjunto de mediações a serem estabelecidas, já que são conceitos polissêmicos, recheados de significados sociais e políticos, que se atualizam em conjunturas históricas distintas.

Para Manfredi (1998), até os anos 80, o conceito de qualificação foi capaz de responder

às exigências das práticas sociais, traduzindo a relação trabalho/emprego/formação profissional; a partir dos anos 90, algumas dimensões desses conceitos, perdem sua força e a noção de competência passa a disputar esse espaço.

Neste sentido, o desenvolvimento das competências conduz à formação de indivíduos qualificados.

A substituição da noção de qualificação, como formação para o trabalho, pela de competência, como atendimento ao mercado de trabalho parece guardar, então, o viés ideológico, presente na proposta neoliberal, que se estende ao espaço da educação, no qual passam a se demandar também, competências na formação dos indivíduos. (RIOS, 2005, p. 83)

Para esta autora, quando utilizamos o termo “competência” para explorar a idéia de qualificação, corremos o risco de ter seu significado modificado, principalmente no que diz respeito à formação profissional.

O termo competência é usado na literatura, ora como sinônimo de capacidade, conhecimento, habilidade e saber, ora contendo esses mesmos termos em sua significação. (MANFREDI, 1998).

Competência vem do latim, *competentia* e significa proporção, simetria (Saraiva, 1993, p. 260). A noção de competência refere-se à capacidade de compreender uma determinada situação e reagir adequadamente frente a ela, ou seja, fazer uma avaliação dessa situação de forma proporcionalmente justa para com a necessidade que ela sugere a fim de atuar da melhor maneira possível.

A competência relaciona-se ao “saber fazer algo” que por sua vez envolve uma série de habilidades. Habilidade vem do latim *habilitas*, que significa aptidão, destreza, disposição para “alguma coisa” (Saraiva, 1993, p. 512).

Recuperamos a origem etimológica das palavras competência e habilidade porque existe uma confusão entre ambas. Neste sentido, as competências e habilidades formam o perfil do profissional.

A gestão por competências é uma opção para a formação de equipes de alto desempenho motivadas em relação a resultados, quando as empresas precisam obter o máximo de produtividade, no menor tempo possível, com menores gastos. (PERRENOUD, 2002, p. 140)

A educação tem absorvido, ao longo dos anos, tendências empresariais.¹ Na educação, a noção de competência é muito abrangente. Rios (2005) deixa evidente que o termo competência não é recente. Entretanto, seu emprego foi modificado ao longo do tempo.

Segundo Mello (1982) o conceito de competência tem:

“...várias características que são importantes indicar. Em primeiro lugar o domínio adequado do saber escolar a ser transmitido, juntamente com a habilidade de organizar e transmitir esse saber, de modo a garantir que ele seja efetivamente apropriado pelo aluno. Em segundo lugar, uma visão relativamente integrada e articulada dos aspectos relevantes mais imediatos de sua própria prática, ou seja, um entendimento das múltiplas relações entre vários aspectos da escola. (...) Em terceiro, uma compreensão das relações entre o preparo técnico que recebeu, a organização da escola e os resultados de sua ação. Em quarto lugar, uma compreensão mais ampla das relações entre a escola e a sociedade, que passaria necessariamente pelas questões de suas condições de trabalho e mensuração”. (MELLO, 1982, p.42)

Perrenoud (1997, p. 7) reconhece também que “a noção de competência tem múltiplos sentidos”. Este autor a define como:

(...) uma capacidade de agir eficazmente em um tipo definido de situação, capacidade que se apóia em conhecimentos, mas não se reduz a eles. Para enfrentar da melhor maneira possível uma situação, devemos em geral colocar em jogo e em sinergia vários recursos cognitivos complementares, entre os quais os conhecimentos.

Para Perrenoud (1997), a competência implica, também, em uma capacidade de atualização dos saberes. A competência vai além da aquisição de conhecimentos, que, isolados, não são suficientes. É necessário relacionar estes conhecimentos com os problemas encontrados, ou seja, a competência deve estar ligada a uma

¹ Vale ressaltar que a integração da noção de competência à Reforma educacional brasileira, inicia-se, legalmente, com aprovação da nova LDB (1996). As principais idéias tomaram por base o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.

prática social. Diante disso, para se designar uma competência, não basta acrescentar uma ação a um conhecimento, é necessário mobilizar determinados saberes na organização de novas capacidades para um desenvolvimento social, técnico e político.

A competência, para Perrenoud (2002), tem três características:

- A pessoalidade é a primeira característica fundamental, pois as pessoas são ou não são competentes. Toda tentativa de atribuição de competência a objetos ou artefatos parece insólita ou inadequada.
- Uma outra característica é o âmbito no qual a competência é exercida. Não existe uma competência sem a referência a um contexto no qual ela se materializa: a competência sempre tem um âmbito, o que torna natural a expressão “Isto não é da minha competência”.
- A terceira característica da idéia de competência é a mobilização. Uma competência está sempre associada a uma mobilização de saberes. Não é um conhecimento acumulado, mas a virtualização de uma ação, a capacidade de recorrer ao que se sabe para realizar o que se deseja, o que se projeta.

Na Classificação Brasileira de Ocupações - CBO (2002) o conceito de competência tem duas dimensões:

- Dimensão 1 - Nível de competência: relaciona-se à função da complexidade das atividades desenvolvidas no emprego ou outro tipo de relação de trabalho.
- Dimensão 2 - Domínio (ou especialização) da competência: relaciona-se às características do contexto do trabalho como área de conhecimento que identifica o tipo de profissão ou ocupação.

As duas dimensões proposta pela CBO agregam os empregos por habilidades cognitivas comuns exigidas no exercício de um campo de trabalho composto por um conjunto de empregos similares que vai se constituir em um campo profissional de um domínio específico do conhecimento.

Diante do exposto, podemos dizer que competência é uma expressão utilizada para designar uma pessoa qualificada para realizar

uma ação num ambiente de trabalho. Salientamos que a competência não se restringe à dimensão técnica, mas possui outras dimensões, que exploraremos a seguir.

4 DIMENSÕES DA COMPETÊNCIA

Em toda a ação do bibliotecário escolar encontram-se dimensões técnicas, políticas, estéticas e éticas. Neste sentido, pretendemos explorar cada uma destas dimensões, mostrando a relação entre elas.

4.1 Técnica

O termo *techne* surge na Grécia antiga, e era usado para “descrever qualquer habilidade no fazer e, mais especificamente, uma competência profissional oposta à capacidade instintiva ou ao mero acaso”. Este termo indicava também um ofício, uma arte (PETERS, 1974, p. 224).

A técnica reporta assim, à realização de um ofício, isto é, dominar com propriedade um campo específico de atuação. Aqui é importante ressaltar a necessidade da educação valorizar o domínio dos conteúdos conceituais e da pesquisa, pois esta formação é a ancoragem necessária para as demais dimensões do profissional. Considera-se que é através dessa formação que se torna possível a atualização profissional.

Rios (2005, p. 94) chama “a dimensão técnica de suporte da competência, uma vez que ela se revela na ação dos profissionais”. A técnica tem um significado específico no trabalho, não devendo ser desvinculada das outras dimensões, como aconteceu durante muito tempo com as práticas bibliotecárias. Isto significa que para o bibliotecário escolar ser competente, não basta o domínio de algumas “técnicas”; é necessário que estas técnicas sejam fertilizadas pela determinação autônoma dos objetivos e finalidades, pelo compromisso com as necessidades do coletivo e pela presença da sensibilidade.

4.2 Estética

Os gregos usavam o termo *aesthesis* para indicar a percepção sensível à realidade. (RIOS, 2005, p. 96). A intenção da dimensão estética é fazer menção à presença da sensibilidade e da

beleza como elemento constituinte do saber e do fazer do bibliotecário escolar.

De acordo com Rios (2005, p. 96) “a dimensão estética esteve sempre presente, mas não é explorada da mesma maneira como se tem feito com as demais dimensões da competência”.

A sensibilidade está relacionada com o potencial criador e com a afetividade dos indivíduos que se desenvolvem num contexto cultural determinado. Como afirma, Ostrower (1986, p.68):

A sensibilidade do indivíduo é aculturada e por sua vez orienta o fazer e o imaginar individual. Culturalmente seletiva, a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para alcançar certas metas de vida (...) a sensibilidade se converte em criatividade ao ligar-se estreitamente a uma atividade social significativa para o indivíduo.

A sensibilidade e a criatividade não se restringem ao mundo da arte. A estética é, na verdade, uma dimensão da existência, do agir humano. Como afirma Rios (2005, p. 98), o ser humano é um animal simbólico. Ou seja, a racionalidade não é algo isolado, mas estreitamente articulado a outras capacidades, a outros instrumentos que têm o homem para interferir na realidade e transformá-la. Sendo assim, a sensibilidade e a imaginação são elementos constituintes da humanidade do homem e não podem ser desconsideradas quando se fala na sua realização.

Entendemos que a competência não é uma sensibilidade ou uma criatividade qualquer, mas um movimento na direção da beleza, aqui vista como algo que está próximo do que se necessita para o bem social e coletivo.

Neste sentido, a ação do bibliotecário escolar envolve técnica e sensibilidade orientadas por princípios éticos e políticos.

4.3 Ética e política

Estes dois conceitos serão abordados em conjunto por terem uma estreita ligação entre si. Ética, na sua origem etimológica, vêm do termo *ethos* e significa morada do homem, espaço construído pela ação humana, que transcende a

natureza e transforma o mundo, conferindo-lhe uma significação específica. (VAZ, 1988, p. 12).

Para Rios (2005, p. 100), “ethos é o espaço da cultura, do mundo transformado pelos seres humanos, onde se manifesta um aspecto fundamental da existência humana: a criação de valores”. Valorizar é relacionar-se com o mundo, não se mostrando indiferente a ele, dando-lhe uma significação. Devemos considerar que existem diversos tipos de valores, por exemplo, o que alguns indivíduos qualificam como uma conduta normal, pode ser qualificado por outros como inadequado. Neste contexto, podemos observar que à medida que o costume vai ganhando força, instala-se o dever, que é o ponto de partida para o *ethos* se tornar lei ou regra. Começamos, então, a estabelecer convenções incorporando maneiras de agir exigidas socialmente, para que os indivíduos possam participar do contexto e relacionar-se uns com os outros. A ética tem um caráter reflexivo, não normativo.

Quando falamos da dimensão ética da competência do bibliotecário escolar fazemos referência a um trabalho de qualidade, entendido como múltiplas significações, como se verifica na moralidade, relativa ao bem comum.

Assim como a dimensão técnica, a dimensão estética necessita estar ligada à ética assim como a dimensão política. Segundo Nodadori (1997, p. 406) “a política é a arte real, ou arquitetônica que comanda todas as outras”. Ressaltamos que é no espaço político que transita o poder que se configuram acordos, que se estabelecem hierarquias, que se assumem compromissos. Nesse ponto a dimensão política se articula com a moral e com a ética.

É senso comum afirmar que a tarefa da escola é a formação de cidadãos. Diante disso, é tarefa do bibliotecário escolar contribuir para essa formação, utilizando os recursos que dispõe, analisando as situações de maneira crítica, consciente e comprometido com as necessidades concretas do contexto social em que desenvolve seu trabalho. É por isso que, quando falamos de competência temos que situá-la numa sociedade real.

Neste sentido, a dimensão ética se relaciona à orientação da ação, baseada no princípio do respeito e da solidariedade, do convívio e da realização de um bem coletivo. A dimensão política diz respeito à participação na construção coletiva da sociedade e ao exercício de direitos e deveres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a competência do bibliotecário escolar deva ser pautada por cada uma das dimensões descritas acima. A dimensão técnica permite que este profissional tenha capacidade de lidar com os conteúdos e de construí-los e reconstruí-los de acordo com a necessidade dos usuários.

A dimensão estética que se baseia na sensibilidade, serve para a orientação numa perspectiva criadora. A sensibilidade é uma habilidade subjetiva necessária para antever os vários usos possíveis das informações coletadas ou produzidas internamente na escola.

A dimensão política permite a participação na construção coletiva da sociedade e o exercício de direitos e deveres. A dimensão ética permite a orientação da ação fundada no respeito, na solidariedade e na realização do bem coletivo.

Desse modo, as competências profissionais devem revelar um bibliotecário reflexivo, capaz de avaliar e de se auto-avaliar de acordo com uma postura crítica. Conseqüentemente, as suas competências vão se refletir na tomada de decisões, no que diz respeito à escolha de estratégias adaptadas aos objetivos educacionais estabelecidos e às exigências éticas da profissão.

THE SCHOOL LIBRARIAN AND ITS COMPETENCES

ABSTRACT

Globalization influences the labour market and breaks paradigms of a society characterized by knowledge, creativity, innovation, and information. This fact has led professionals of different areas to reflect on their duties, skills and responsibilities. In this context this article raises the discussion about competence in work and educational environments. It also discusses the importance of professions in society and the idea of competence as well as reflects on the political, ethical, technical and aesthetic skills of the school librarian.

Keywords:

Professional competence. Professional qualification. School librarian

Artigo recebido em 20/02/2008 e aceito para publicação em 01/05/2008

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. **The system of profession**: an essay on the division of expert labour. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação**: Lei 9.394/96. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 200p.

CBO - **Classificação Brasileira de Ocupações**. 2002. Disponível em: <www.mteco.gov.br>. Acesso em: 23 de jun. de 2007.

CUNHA, M. V. da. As profissões e as suas transformações na sociedade. In: _____. SOUZA, Francisco das Chagas de (Orgs). **Comunicação, gestão e profissão: abordagens para estudo da ciência da informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 141-150.

DINIZ, M. **Os donos do saber**: profissões e monopólios profissionais. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

DELORS, Jacques. (Org.). **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. São Paulo: Edusp, 1998.

MANFREDI, S.M. Trabalho, qualificação e competência profissional- das dimensões conceituais e políticas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 64. set. 1998.

MELLO, G.N. de. **Magistério de 1 grau**: da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez, 1982.

NODADORI, P.C. **A ética aristotélica.** Belo Horizonte, v. 24, n. 78, 1997.

OSTROWER, F. **Universos da arte.** Rio de Janeiro: Campus, 1986.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **10 novas competências para ensinar.** Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.

_____. **O desenvolvimento da prática reflexiva no ofício do professor.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETERS, F.E. **Termos filosóficos gregos: um léxico histórico.** Lisboa: Calouste Gulberkian, 1974.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SARAIVA, E.R. dos S. **Novíssimo dicionário latino-português. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, bibliográfico.** 10 ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

VAZ, H.C.L. **Escritos de filosofia II: ética e cultura.** São Paulo: Loyola, 1988.

